

Contribuições das

CIÊNCIAS HUMANAS

para a sociedade 2

FABIANO ELOY ATÍLIO BATISTA
(ORGANIZADOR)

Atena
Editora
Ano 2022

Contribuições das

CIÊNCIAS HUMANAS

para a sociedade 2

FABIANO ELOY ATÍLIO BATISTA
(ORGANIZADOR)

Atena
Editora
Ano 2022

Editora chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Editora executiva

Natalia Oliveira

Assistente editorial

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto gráfico

Camila Alves de Cremo

Daphynny Pamplona

Gabriel Motomu Teshima

Luiza Alves Batista

Natália Sandrini de Azevedo

Imagens da capa

iStock

Edição de arte

Luiza Alves Batista

2022 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2022 Os autores

Copyright da edição © 2022 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial**Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí

Prof. Dr. Alexandre de Freitas Carneiro – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Profª Drª Ana Maria Aguiar Frias – Universidade de Évora

Profª Drª Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa



Prof. Dr. Antonio Carlos da Silva – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Arnaldo Oliveira Souza Júnior – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
Prof^ª Dr^ª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof^ª Dr^ª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof. Dr. Humberto Costa – Universidade Federal do Paraná
Prof^ª Dr^ª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadilson Marinho da Silva – Secretaria de Educação de Pernambuco
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. José Luis Montesillo-Cedillo – Universidad Autónoma del Estado de México
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Prof^ª Dr^ª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal do Paraná
Prof^ª Dr^ª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof^ª Dr^ª Lucicleia Barreto Queiroz – Universidade Federal do Acre
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Universidade do Estado de Minas Gerais
Prof^ª Dr^ª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof^ª Dr^ª Marianne Sousa Barbosa – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Prof^ª Dr^ª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Miguel Rodrigues Netto – Universidade do Estado de Mato Grosso
Prof. Dr. Pedro Henrique Máximo Pereira – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco
Prof^ª Dr^ª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^ª Dr^ª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof^ª Dr^ª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof^ª Dr^ª Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins



Contribuições das ciências humanas para a sociedade 2

Diagramação: Camila Alves de Cremo
Correção: Yaidy Paola Martinez
Indexação: Amanda Kelly da Costa Veiga
Revisão: Os autores
Organizador: Fabiano Eloy Atílio Batista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

C764 Contribuições das ciências humanas para a sociedade 2 /
Organizador Fabiano Eloy Atílio Batista. – Ponta Grossa
- PR: Atena, 2022.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5983-898-1

DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.981221802>

1. Ciências humanas. 2. Sociedade. I. Batista, Fabiano
Eloy Atílio (Organizador). II. Título.

CDD 101

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br



Atena
Editora
Ano 2022

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.



DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.



APRESENTAÇÃO

Caros leitores e leitoras;

A coletânea '**Contribuições das ciências humanas para a sociedade**', dividida em dois volumes, reúne textos de autores e autoras nacionais e internacionais que propõem em trazer discussões atuais, críticas e necessárias sobre a importância, bem como as diversas contribuições dos estudos na área das Ciências Humanas para a sociedade.

Assim, ao longo dos 35 artigos podemos vislumbrar uma série de indagações, questionamentos e reflexões, que negam, afirmam e constroem saberes para que possamos entender e ampliar nosso repertório de conhecimento sobre as mais diversas sociedades e culturas.

Ao longo do primeiro volume é exposto um conjunto de textos que tematizam sobre um panorama nacional, enfatizando, sobretudo, as contribuições das Ciências Humanas para compreensão das dinâmicas e interações no Brasil. Assim, as principais abordagens e temáticas deste volume são: questões regionais, política e planejamento, educação e ciência, representações sociais sobre a velhice, agricultura familiar, questões mercadológicas, condições de trabalho, religião, dentre outros temas que exploram, cada qual a sua maneira, a realidade brasileira e as múltiplas relações com as Ciências Humanas.

No segundo volume os textos reunidos discutem sobre as produções das identidades, subjetivações, metodologias e epistemologia das Ciências Humanas, questões sobre a comunidade surda, juventude, suicídio, vida e morte e processos discursivos, se consolidando como uma abordagem multidisciplinar dentro das Ciências Humanas.

Neste sentido, podemos compreender, a partir das leituras, que as contribuições das Ciências Humanas, ao longo dos anos, nos permitem, conhecer nossa história, a história dos outros, entender o homem e a sociedade como um todo. Suas contribuições nos fornecem informações sobre Política, Mercado, Trabalho, Artes, Natureza, Relações Sociais, dentre outras instâncias da vida humana que precisam, cotidianamente, serem perscrutadas, remexidas e revisitadas, pois todas essas informações fazem de nós seres críticos e nos permitem a entender a realidade a nossa volta.

Por fim, esperamos que a coletânea '**Contribuições das ciências humanas para a sociedade**' possa se mostrar como uma possibilidade discursiva para novas pesquisas e novos olhares sobre as contribuições das Ciências Humanas para a sociedade, buscando, cada vez mais, uma ampliação do conhecimento em diversos níveis.

A todos e todas, esperamos que gostem e que tenham uma agradável leitura!


Fabiano Eloy Atílio Batista

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1..... 1

UM OLHAR DISCURSIVO SOBRE A PRODUÇÃO IDENTITÁRIA E PROCESSOS DE SUBJETIVAÇÃO DOS INDÍGENAS EM MATERIAL DIDÁTICO PUBLICIZADO NO CIBERESPAÇO

Icléia Caires Moreira

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.9812218021>

CAPÍTULO 2..... 16

QUESTIONAMENTOS EPISTEMOLÓGICOS CONTEMPORÂNEOS: UMA CONTRIBUIÇÃO AO ENSINO DA METODOLOGIA DE PESQUISA EM CIÊNCIAS SOCIAIS


Amilcar Baiardi

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.9812218022>

CAPÍTULO 3..... 28

LOS CAMINOS EPISTEMOLÓGICOS EN LA OBRA DE PIERRE BOURDIEU: CIENTIFICISMO, REFLEXIVIDAD Y SENTIDO COMÚN

Pedro Robertt


 <https://doi.org/10.22533/at.ed.9812218023>

CAPÍTULO 4..... 41

ETHOS DA IDENTIDADE CULTURAL EM STUART HALL

Marcelo Manoel de Sousa


Saraí Patrícia Schmidt

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.9812218024>

CAPÍTULO 5..... 56

SLAM SURDO: POESIA ORAL INCLUSIVA E ENGAJADA EM ESPAÇOS URBANOS CONTEMPORÂNEOS


Wanderlina Maria de Souza Araújo

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.9812218025>

CAPÍTULO 6..... 67

DIFERENÇAS ENTRE FALA E ESCRITA DO SURDO: REFLEXÕES TEÓRICAS SEGUNDO UMA EXPERIÊNCIA PRÓPRIA

Ana Paula Oliveira e Fernandes

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.9812218026>


CAPÍTULO 7..... 84

PROPOSTA DE UMA METODOLOGIA PSICOSSOCIOLÓGICA DE ANÁLISE DE DISPUTAS E RIVALIDADES EM CENÁRIOS SOCIAIS

Jair Araújo de Lima

José Jorge de Miranda Neto


Juliane Ramalho dos Santos

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.9812218027>

CAPÍTULO 8..... 105

PREVENÇÃO DO SUICÍDIO EM JOVENS: A RELEVÂNCIA DA AUTOESTIMA

Hanna Helen Gadelha de Souza Othon

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.9812218028>

CAPÍTULO 9..... 110


ENTRE A GLÓRIA E A LOUCURA - A PERSONAGEM FEMININA NA PROSA REGIONALISTA DE *INOCÊNCIA*, *FOGO MORTO* E *LAVOURA ARCAICA*

Rafaella de Aragão Gonçalves Nakayama Borges

Maria Eduarda Stadnick de Medeiros

Rhayane Duarte Rabelo

Luciana de Cassia Camargo Pirani


 <https://doi.org/10.22533/at.ed.9812218029>

CAPÍTULO 10..... 126

HISTÓRIAS EM QUADRINHOS NA BIBLIOTECA ESCOLAR: REFLEXÕES SOBRE A OBRA O GUARANI EM HQ, DE LUIS GÊ E IVAN JAF

Yasmin Rodrigues Menezes

Eliane Aparecida Galvão Ribeiro Ferreira

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.98122180210>

CAPÍTULO 11..... 139

CONCEPÇÕES DE MORTE E MORRER DE DOCENTES DO CURSO DE CIÊNCIAS DA RELIGIÃO DA UERN: A VIDA, VALOR ABSOLUTO

Paulo Sérgio Raposo da Silva


João Bosco Filho

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.98122180211>

CAPÍTULO 12..... 149

A ESCRITA DE ARTIGOS CIENTÍFICOS E TEXTOS ACADÊMICOS: ACIMA DO BEM E DO MAL?

Flávio Luis Freire Rodrigues

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.98122180212>

CAPÍTULO 13..... 159


A APLICAÇÃO DO INGLÊS INSTRUMENTAL COMO METODOLOGIA ATIVA EM PROJETO INTERDISCIPLINAR NO CURSO TÉCNICO EM QUÍMICA






Daniela Brugnaro Massari Sanches

Gislaine Aparecida Barana Delbianco

Ricardo Francischetti Jacob

Sérgio Delbianco Filho

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.98122180213>

| | |
|---|------------|
| CAPÍTULO 14..... | 168 |
| LA REPRODUCCIÓN DE LA ENSEÑANZA DE LA ENFERMERÍA EN GUANAJUATO | |
| Elia Lona Moctezuma | |
| Elia Lara Lona | |
|  https://doi.org/10.22533/at.ed.98122180214 | |
| CAPÍTULO 15..... | 181 |
| O ENSINO DA SOCIOLOGIA: A IMPORTÂNCIA DA DISCIPLINA NO ENSINO MÉDIO | |
| Natalina Sousa Ferreira | |
| Karine Beatriz Nascimento da Silveira | |
| Josinete Pereira Lima | |
| Eleanor Gomes da Silva Palhano | |
| Sidclay Santos Furtado | |
|  https://doi.org/10.22533/at.ed.98122180215 | |
| CAPÍTULO 16..... | 192 |
| PRODUCCIÓN DE ESPACIOS DE CONSERVACIÓN | |
| Amparo Albalat Botana | |
|  https://doi.org/10.22533/at.ed.98122180216 | |
| CAPÍTULO 17..... | 211 |
| DISCURSO E REPRESENTAÇÃO EM “O JARDINEIRO TIMÓTEO” | |
| Maria Cecília de Lima | |
| Eliana Dias | |
|  https://doi.org/10.22533/at.ed.98122180217 | |
| CAPÍTULO 18..... | 223 |
| COM QUE ROUPA EU VOU: A FUNÇÃO SOCIAL DA ROUPA ENQUANTO INSTRUMENTO DE COMUNICAÇÃO VISUAL | |
| Adelci Silva dos Santos | |
|  https://doi.org/10.22533/at.ed.98122180218 | |
| SOBRE O ORGANIZADOR..... | 236 |
| ÍNDICE REMISSIVO..... | 237 |

CAPÍTULO 17

DISCURSO E REPRESENTAÇÃO EM “O JARDINEIRO TIMÓTEO”

Data de aceite: 01/02/2022

Data de submissão: 19/11/2021

Maria Cecília de Lima

Professora do Instituto de Letras e Linguística
da Universidade Federal de Uberlândia - UFU
Uberlândia
<http://lattes.cnpq.br/9906648091045845>

Eliana Dias

Professora do Instituto de Letras e Linguística
da Universidade Federal de Uberlândia - UFU
Uberlândia
<http://lattes.cnpq.br/4639293230175288>

RESUMO: Refletir sobre como o negro é representado em diversos discursos e questionar essa representação é uma forma de investigar a função dessa representação *na e pela* linguagem e como essa representação funciona em diversas práticas discursivas, produzindo, reproduzindo ou questionando relações de preconceito racial. Isso abre um enorme leque de investigação e, ainda, a possibilidade de mudanças. No caso desse trabalho, temos como objetivo refletir sobre essa temática por meio da análise textualmente orientada do conto *O jardineiro Timóteo* (LOBATO, 1994), refletindo sobre a situação econômica e política da época de sua produção, bem como acerca das ideologias que, desde aquele tempo, contribuem para a criação de mitos raciais até hoje veiculados e, por vezes, aceitos. Essa análise será realizada tendo como suporte teórico central a Análise Crítica de Discurso – teoria e

método (FAIRCLOUGH, 2001; MAGALHÃES, 2004; RESENDE e RAMALHO, 2006), teoria essa que, com suas três dimensões - a textual, a discursiva e a social - e suas respectivas categorias analíticas, contribui para desvelar representações e ideologias subjacentes a textos e materializações de discursos. Esperamos, com isso, contribuir com um novo olhar para questões raciais, com o desvelamento de discursos não oficiais para que, quem sabe, sejam possíveis novas relações sociais e humanas mais igualitárias, no âmbito da escola e fora dele, no que se refere a questões raciais (DOMINGUES, 2008; MAGALHÃES, 2004; FERNANDES, 2007) Algumas considerações já podem ser feitas, a saber: a Análise de Discurso Crítica muito tem a contribuir para o ensino, ao desvelar ideologias, discursos e representações, e o emprego da literatura na sala de aula para trabalhar com discursos sobre desigualdade e racismo de modo textualmente orientado é profícuo, como mostra nosso trabalho como professoras de estágio supervisionado em Língua Portuguesa.

PALAVRAS-CHAVE: Análise de Discurso Crítica, representação, racismo.

DISCOURSE AND REPRESENTATION IN “O JARDINEIRO TIMÓTEO”

ABSTRACT: Through reflection on how black people are represented in various discourses and through questioning this representation, it is possible to investigate the function of this representation in and through language, and also how this representation works in various discursive practices, when producing, reproducing or questioning racial prejudice

relationships. This type of reflection opens up a huge range of investigation and also the possibility of change. In the present paper, we aim to reflect on this theme through the textually oriented analysis of the short story “O jardineiro Timóteo” (LOBATO, 1994), reflecting on the economic and political situation at the time of its production, as well as on ideologies which, since that time, have contributed to the creation of racial myths that have been circulated and sometimes accepted. The analysis will be carried out using as central theoretical support the Critical Discourse Analysis - theory and method (FAIRCLOUGH, 2001; MAGALHÃES, 2004; RESENDE and RAMALHO, 2006), a theory which, in its three dimensions - textual, discursive and the social - and in their respective analytical categories, contributes to unveil representations and ideologies underlying texts and discourse materializations. Therefore, we hope to contribute with a new look at racial issues, with the unveiling of unofficial discourses, in order to make new, more egalitarian human and social relations possible, inside or outside the school, regarding racial issues (DOMINGUES, 2008; MAGALHÃES, 2004; FERNANDES, 2007). Some considerations about the discussion proposed here can already be made, such as: Critical Discourse Analysis has a lot to contribute to teaching, by unveiling ideologies, discourses and representations, as well as the use of literature in the classroom as a way to deal with discourses on inequality and racism in a textually oriented way can be fruitful, as demonstrated by our practice as teachers of the subject Supervised Internship in Portuguese Language.

KEYWORDS: Critical Discourse Analysis, representation, racism.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Com o emprego da Análise de Discurso Crítica, doravante ADC, temos condições de realizar análises de diversas semioses que, dependendo da temática em foco, podem contribuir para desvelar relações de poder e contribuir para a transformação do *status quo*. No caso desse artigo, trabalhamos com um conto de Monteiro Lobato que fora empregado em sala de aula do ensino fundamental, por nossos alunos de Estágio Supervisionado de Língua Portuguesa, levando em consideração a temática do racismo e a implementação da lei 10.639/03, com o objetivo de contribuir com um novo olhar para as questões da escravidão no Brasil e as consequências dela advindas, sendo algumas delas o preconceito e a discriminação racial.

Para que essa atividade em sala de aula fosse possível, procedemos à análise do texto com os discentes em formação, empregando a ADC. Com essa atividade, procuramos proporcionar a esses discentes/ estagiários um modo ampliado de olhar para os textos, por intermédio dessa teoria e, ainda, mostrar a eles como a ADC pode contribuir com o trabalho em sala de aula, uma vez que, por meio dela, fazemos uma análise social e textualmente orientada.

A ANÁLISE DE DISCURSO CRÍTICA

A ADC tem como objetivos, segundo Fairclough (2001, p. 89), “reunir análise

de discurso orientada linguisticamente e o pensamento social e político relevante para o discurso e a linguagem (...).” Por meio dessa afirmação, podemos verificar o caráter político dessa teoria que, por meio da análise de textos, intenta a análise política e social. Para tanto, o autor desse arcabouço teórico apresenta um quadro teórico-metodológico por meio do qual trabalhamos com ideologias, relações de poder e possibilidades de mudança social. Este trabalho de análise é feito nos diversos discursos veiculados na sociedade, discursos que, para Fairclough (2001, p. 90), são práticas sociais, não apenas “atividade puramente individual ou reflexo de variáveis situacionais”.

Essa definição traz algumas implicações. São elas: a) o discurso passa a ser um modo de ação (constituindo identidades e posições de sujeitos); b) contribui para a constituição de relações sociais e, ainda, c) contribui para a construção do sistema de conhecimentos e de crenças. Ou seja, “O discurso é uma prática, não apenas de representar o mundo, mas de significação do mundo, constituindo e construindo o mundo em significado.” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 91)

A partir desse conceito, e de outros também caros a essa teoria, a ADC se propõe a, por meio de uma teoria e de um método, social e linguisticamente orientado, investigar a mudança na linguagem [...] que seja útil em estudos de mudança social e cultural.” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 19). Investiga-se essa que se propõe a desvelar relações de dominação mostrando conexões e causas que estão ocultas e, ainda, “intervir socialmente para produzir mudanças que favoreçam àqueles(as) que possam se encontrar em situação de desvantagem.” (RESENDE e RAMALHO, 2006, p. 22). A preocupação da ADC em mostrar as conexões e causas ocultas justifica o fato de essa teoria ser intitulada Análise de Discurso Crítica e não apenas Análise de Discurso. Para além disso, o termo crítica se justifica pelo fato de a teoria propor intervenção social para produzir mudanças.

Tendo em vista essas duas justificativas levantadas por Resende e Ramalho (2006), propusemos nosso trabalho com os alunos em formação: analisamos discursos e posteriormente trabalhamos com alunos do ensino básico a leitura social e linguisticamente orientada, como forma de desvelar ideologias que contribuem com a sedimentação de estereótipos e de preconceitos que podem levar, em muitos casos, a situações de discriminação.

A análise realizada com alunos em formação foi feita tendo em vista a teoria tridimensional do discurso (FAIRCLOUGH, 2001):

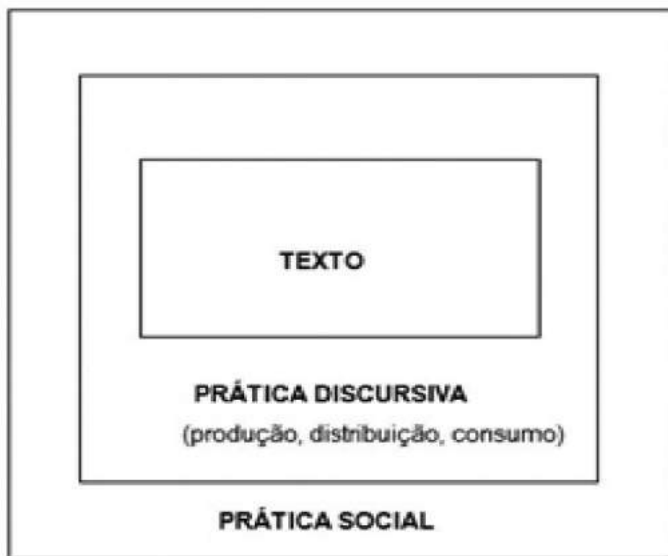


FIGURA 1 – Visão tridimensional do discurso.

Fonte: Adaptado de Fairclough (2001)

No que se refere à **dimensão texto**, Fairclough (2001, p. 102) afirma que “qualquer tipo de aspecto textual é potencialmente significativo na análise de discurso”, sendo até mesmo um pré-requisito para a análise. O autor oferece, para essa dimensão, algumas categorias voltadas para as formas linguísticas e outras voltadas para o sentido, sendo ele socialmente motivado.

A análise textual pode ser organizada em quatro itens: vocabulário, gramática, coesão e estrutura textual.

As orações são multifuncionais (HALLIDAY, 2004) e, sendo assim, por meio das escolhas realizadas na produção de um texto/discurso, veiculamos ideias (função ideacional), estabelecemos relações (função ideacional) e criamos textos (função textual) que dão suporte às outras funções.

Relacionada à dimensão textual, são propostas categorias de análise (Quadro 1) que possibilitam o mapeamento, a descrição do texto. Isso porque os discursos são materializados em textos, sendo eles reflexos da sociedade, com suas ideologias.

| DIMENSÕES | POSSÍVEIS CATEGORIAS DE ANÁLISE | |
|--|--|---|
| 1) DIMENSÃO DO TEXTO Cuida da análise linguística de textos. | Vocabulário (palavras individuais) | Lexicalizações alternativas |
| | | Relexicalizações |
| | | Supereexpressão |
| | | 1.1.1 Sentido da palavra |
| | 1.2) Gramática | 1.2.1 Palavras combinadas em orações e frases |
| | 1.3) Coesão (ligação entre orações e frases) | Campo semântico comum |
| | | 1.3.1 Repetição de palavras |
| | | 1.3.2 Sinônimos próximos |
| | | 1.3.3 Mecanismos de referência e substituição |
| | 1.3.4 Conjunção | |
| 1.4) Estrutura textual (propriedades organizacionais) | 1.4.1 Maneiras e ordem de combinação de elementos ou episódios (frame – moldura) | |

Quadro 1 – Categorias analíticas da dimensão da prática textual.

Fonte: Elaborado pelas autoras, a partir de Fairclough (2001)

Por meio da dimensão da **prática discursiva**, analisamos os processos de produção, distribuição e consumo textual (Quadro 2).

| DIMENSÃO | POSSÍVEIS CATEGORIAS DE ANÁLISE | | |
|---|---|---|---------------------------------------|
| 2) DIMENSÃO DA PRÁTICA DISCURSIVA Especifica a natureza dos processos de produção e interpretação textual – por exemplo – que tipos de discurso são derivados e como se combinam. | 2.1 Força dos enunciados (tipos de atos de fala) | | |
| | 2.2 Coerência (como o texto afeta a interpretação) | | |
| | 2.3 Intertextualidade 2.3.2 Constitutiva (interdiscursividade) | 2.3.1 Manifesta | |
| | | | |
| | 2.4 Produção | 2.4.1 Individual ou coletiva | |
| | | 2.4.2 Conceito de produtor textual | Animador (quem realiza sons/ letras) |
| | | | Autor (quem é responsável pelo texto) |
| | | Principal (quem tem a opinião representada) | |
| | 2.5 Distribuição | 2.5.1 Simples | |
| | 2.6 Consumo Tipos de trabalho Interpretativo | 2.6.1 Individual ou coletivo | |
| | | | |

Quadro 2 - Categorias analíticas da dimensão da prática discursiva.

Fonte: Elaborado pelas autoras, a partir de Fairclough (2001)

A proposta de Fairclough (2001) para a análise da prática social (do que as pessoas fazem) é que ela seja feita levando em consideração duas categorias centrais por meio das quais analisaremos as relações de poder e as ideologias presentes na sociedade em

análise; tais categorias são: ideologia e hegemonia (Quadro 3).

| DIMENSÃO | POSSÍVEIS CATEGORIAS DE ANÁLISE | | |
|--|---------------------------------|--|------------------------------|
| <p>3) DIMENSÃO DA PRÁTICA SOCIAL</p> <p>Cuida de questões de interesse da análise social, tais como as circunstâncias institucionais e organizacionais do evento discursivo e como elas moldam a natureza da prática discursiva e os efeitos constitutivos/ construtivos referidos.</p> | 3.1 Ideologia | 3.1.1 Estruturas (ordens de discurso) | |
| | | 3.1.2 Eventos (reprodução e transformação de estruturas) | |
| | | 3.1.3 Níveis do texto | 3.1.3.1 Sentido das palavras |
| | | | 3.1.3.2 Pressuposições |
| | | | 3.1.3.3 Metáforas |
| | 3.1.3.4 Coerência | | |
| | 3.1.3.5 Estilo | | |
| | 3.2 Hegemonia | 3.2.1 Ordens de discurso | |
| | | 3.2.2 Produção, distribuição, consumo e interpretação | |
| | | 3.2.3 Articulação de discurso | |
| 3.2.4 Relações sociais | | | |
| 3.2.5 Relações de poder | | | |

Quadro 3 - Categorias analíticas da dimensão da prática social.

Fonte: Elaborado pelas autoras, a partir de Fairclough (2001)

Thompson (1995, p. 90) propõe “uma concepção de ideologia que enfoca as maneiras como o sentido, construído e transmitido através das formas simbólicas de vários tipos, serve para estabelecer e sustentar relações de dominação.”

Para esse autor, a ideologia opera de cinco modos, sendo que cada modo possui suas estratégias, conforme consta no Quadro 4:

| MODOS GERAIS | ESTRATÉGIAS TÍPICAS DE CONSTRUÇÃO SIMBÓLICA |
|--|---|
| <p>a) Legitimação</p> <p>Relações de dominação podem ser estabelecidas e sustentadas pelo fato de serem representadas como legítimas, isto é, justas e dignas de apoio. (p. 82)</p> | <p>Racionalização: o produtor de uma forma simbólica constrói uma cadeia de raciocínio que procura defender, ou justificar, um conjunto de relações ou instituições sociais, e com isso persuadir uma audiência de que isso é digno de apoio.</p> |
| | <p>Universalização: acordos institucionais que servem aos interesses de alguns indivíduos são apresentados como servindo aos interesses de todos, e esses acordos são vistos como estando abertos, em princípio, a qualquer um que tenha a habilidade e a tendência de ser neles bem sucedido.</p> |
| | <p>Narrativização: essas exigências são inseridas em histórias que contam o passado e tratam o presente como parte de uma tradição eterna e aceitável. De fato, as tradições são, muitas vezes, inventadas a fim de criar um sentido de pertença a uma comunidade e a uma história que transcende a experiência do conflito, da diferença e da divisão. Histórias são contadas tanto pelas crônicas oficiais como pelas pessoas no curso de suas vidas cotidianas. (p. 83)</p> |

| | |
|---|---|
| <p>b) Dissimulação Relações de dominação podem ser estabelecidas e sustentadas pelo fato de serem ocultadas, negadas ou obscurecidas, ou pelo fato de serem representadas de uma maneira que desvia nossa atenção, ou passa por cima de relações e processos existentes.</p> | <p>Deslocamento: termo usado para se referir a um objeto ou pessoa é usado para se referir a um outro, e com isso as conotações positivas ou negativas do termo são transferidas para o outro objeto ou pessoa. (p. 83)</p> <p>Eufemização: ações, instituições ou relações sociais são descritas ou redescritas de modo a despertar uma valoração positiva.</p> <p>Tropo (sinédoque, metonímia, metáfora): uso figurativo da linguagem, ou, mais geral, das formas simbólicas. (p. 84-5)</p> |
| <p>c) Unificação Relações de dominação podem ser estabelecidas e sustentadas através de construção, no nível simbólico, de uma forma de unidade que interliga os indivíduos numa identidade coletiva, independentemente das diferenças e divisões que possam separa-los. (p. 86)</p> | <p>Estandarização ou padronização: formas simbólicas são adaptadas a um referencial padrão, que é proposto como um fundamento partilhado e aceitável de troca simbólica. (p. 86)</p> <p>Simbolização ou unidade: essa estratégia envolve a construção de símbolos de unidade, de identidade e de identificação coletiva, que são difundidas através de um grupo, ou de uma pluralidade de grupos: bandeira, hinos nacionais, emblemas. (p. 86)</p> |
| <p>d) Fragmentação Relações de poder podem ser mantidas não unificando as pessoas numa coletividade, mas segmentando aqueles indivíduos e grupos que possam ser capazes de se transformar num desafio real aos grupos dominantes, ou dirigindo forças de oposição potencial em direção a um alvo que é projetado como mau, perigoso, ou ameaçador.</p> | <p>Diferenciação: ênfase que é dada às distinções, diferenças e divisões entre as pessoas e grupos, apoiando as características que os desunem e os impedem de constituir um desafio efetivo às relações existentes, ou um participante efetivo no exercício do poder. (p. 87)</p> <p>Expurgo do outro: essa estratégia envolve a construção de um inimigo, seja ele interno ou externo, que é retratado como mau, perigoso e ameaçador e contra o qual os indivíduos são chamados a resistir coletivamente ou a expurga-lo.</p> |
| <p>e) Reificação Relações de dominação podem ser estabelecidas e sustentadas pela retratação de uma situação transitória, histórica, como se essa situação fosse permanente, natural, atemporal.</p> | <p>Naturalização: um estudo de coisas que é uma criação social e histórica pode ser tratado como um acontecimento natural ou como um resultado inevitável de características naturais, do mesmo modo como, por exemplo, a divisão socialmente instituída do trabalho entre homens e mulheres pode ser retratada com um resultado de características fisiológicas nos sexos, ou de diferenças entre sexos. (p. 88)</p> <p>Eternização: fenômenos sócio-históricos são esvaziados de seu caráter histórico ao serem apresentados como permanentes, imutáveis e recorrentes. Costumes, tradições e instituições que parecem prolongar-se indefinidamente em direção ao passado, de tal forma que todo traço sobre sua origem fica perdido e todo questionamento sobre sua finalidade é inimaginável, adquirem, então, uma rigidez que não pode ser facilmente quebrada. (p. 88)</p> <p>Nominalização: acontece quando sentenças, ou parte delas, descrições da ação e dos participantes nelas envolvidos, são transformados em nomes, como quando nós falamos em 'o banimento das importações', ao invés de 'o Primeiro-Ministro resolveu banir as importações'.</p> <p>Passivização: se dá quando verbos são colocados na voz passiva, como quando dizemos que 'o suspeito está sendo investigado', ao invés de 'os policiais estão investigando o suspeito'. A nominalização e a passivização concentram a atenção do ouvinte ou leitor em certos temas com prejuízo de outros. Elas apagam os autores e a ação e tendem a representar processos como coisas ou acontecimentos que ocorrem na ausência de um sujeito que produza essas coisas. Elas também tendem a eliminar referências a contextos espaciais e temporais específicos, através da eliminação de construções verbais, ou narrando-os num gerúndio.</p> |

Quadro 4 – modos de operação da ideologia

Fonte: Elaborado pelas autoras, a partir de Thompson (1995).

Trabalhar com essa teoria com alunos em formação foi importante, segundo

relatos, pois mostrou a todos um modo mais amplo de olhar para os textos/discurso e, com isso, mostrou também como eles podem contribuir para a consciência linguística crítica (FAICRLOUGH, 1992). A contribuição, também, ocorre o sentido de uma possível mudança social, no caso em questão para mudanças no que se refere à representação do negro e possíveis novos olhares para as relações de poder, no caso materializadas em preconceitos e modos de discriminação.

A seguir, com base na análise de Discurso Crítica, realizamos a análise de *O jardineiro Timóteo* (LOBATO, 1920.)

ANÁLISE DE O JARDINEIRO TIMÓTEO

No que se refere à **prática social**, que cuida de questões de interesse da análise social, tais como as circunstâncias institucionais e organizacionais do evento discursivo e como elas moldam a natureza da prática discursiva e os efeitos constitutivos/construtivos referidos, temos de contextualizar a época em que Timóteo possivelmente viveu como escravo e passou pela transição para o regime não escravagista. Escravo que, segundo Scisínio (1997, p. 140), é

aquele que está sob o poder e dependência absoluta de um senhor, que ou o que vive em estado de absoluta servidão. (Difere do servo, por não ser considerado pessoa e sim coisa, por não ter a menor parte nos lucros da propriedade em que trabalha, por sua vida estar à mercê da vontade do senhor que [nalgum tempo] tinha o direito de vida e morte sobre ele, por não ter enfim direitos tanto em relação às pessoas como às coisas.)

As **relações de poder** ficam latentes na definição do que seja escravo, poder esse que era mantido por meio dos modos de operação da **ideologia**, com a participação de instituições, como a igreja, por exemplo. A operação da ideologia tinha como objetivo a manutenção da hegemonia, ou seja, a manutenção do status quo, até o momento que fosse favorável para os grupos em posição hegemônica.

A relação de submissão do jardineiro era mantida por alguns **modos de operação da ideologia**, como, por exemplo, pela legitimação que, por meio de suas estratégias, legitimava e sustentava o sistema escravista. Uma dessas estratégias é a racionalização, por meio da qual formas simbólicas constroem uma cadeia de raciocínio que defendia/ justificava tal situação por meio das instituições e da persuasão da população que acabava por apoiar o sistema da época.

Em alguns casos, essa estratégia convence o próprio escravo de que a sua situação era legítima, fazendo com que ele não questionasse a ordem vigente, como é o caso de Timóteo, representado como *bom* (“Quarenta anos havia que lhe zelava dos canteiros o *bom* Timóteo, um preto branco por dentro”; “Ele era homem *simples, pouco amigo de complicações*”; “Timóteo era feliz”¹) (LOBATO, 1920).

¹ Nos exemplos retirados do conto *O jardineiro Timóteo* não anotamos o número da página por se tratar de excertos retirados do texto online, conforme consta na referência completa no fim deste artigo. Nesses excertos, lançamos a data

O modo de operação da ideologia chamado de fragmentação também aparece no conto. Por meio da estratégia de construção simbólica da diferenciação, tinha-se claro que Timóteo era o escravo, ou seja, ele era diferenciado da família, e considerado naquela época apenas um objeto da casa, uma mercadoria (MATTOSO, 2003), tanto que foi deixado na fazenda quando ela foi vendida. Ele fazia parte dos objetos da casa (“Vendeu-se a fazenda. E certa manhã viu Timóteo arrumarem-se no trole os antigos patrões, as mucamas, tudo o que constituía a alma do velho patrimônio”) (LOBATO, 1920).

Nota-se no conto que as relações sociais não eram de simetria e o poder era desigualmente distribuído, o que mantinha a **hegemonia** dos senhores de escravos, o que era realizado com a contribuição da **ideologia**, veiculada por meio da ordem de discurso escravista, dos eventos e das estruturas.

As relações de poder podem ser analisadas em textos, em especial, pela dimensão da **prática discursiva**, que fornece categorias de análise que contribuem para a especificação da natureza dos processos de produção e interpretação textual (FAIRCLOUGH, 2001). No caso do conto de Lobato (1920), a **produção** foi individual, ou seja, um autor, o responsável pelo texto (FAIRCLOUGH, 2001). Isso não invalida a ideia de que o autor reproduziu, ou até mesmo denunciou, as ideias veiculadas na época.

O conto *O jardineiro Timóteo* foi publicado em livro intitulado *Negrinha*, isso em 1920, época em que a **distribuição** de obras literárias não se dava de modo tão largo como hoje, quando a tecnologia contribui para a democratização da literatura. E ainda podemos refletir sobre a quantidade de pessoas não letradas daquela época e que não teriam acesso à obra.

O **consumo** das obras era individual, passiva, no âmbito doméstico e escolar, sem viés crítico. Podemos fazer diferente, ou seja, trabalhar com textos para desvelar ideologias, como foi a proposta de trabalho com este conto com alunos do ensino básico.

A descrição formal do texto e de seus significados, de acordo com Fairclough (2001), fica a cargo da **dimensão textual**, o que é feito, como já apontado, por categorias tais como: vocabulário, gramática, coesão e estrutura textual.

No conto *O jardineiro Timóteo* (LOBATO, 1920), as escolhas lexicais, no que se refere à representação do jardineiro, nos levam a pistas importantes sobre a ideologia da época. Vejamos alguns exemplos:

Em “Quarenta anos havia que lhe zelava dos canteiros o bom Timóteo, um preto branco por dentro”, temos a representação de Timóteo como *bom*, isso porque, em conformidade com o conto, ele era homem “pouco amigo de complicações”. Esse era o perfil do bom negro. Timóteo é qualificado pela sua cor (‘preto’) e, ainda, comparado com o ‘branco’. Isso, de acordo com a ideologia da época, nos autoriza a entender a comparação entre preto x branco, entre ruim x bom. De acordo com o que é colocado, “apesar” de ser negro, Timóteo era bom, pois, por dentro era branco. Essa ideia, posta por meio do

da primeira publicação do conto, a saber: 1920.

vocabulário, mostra a representação de Timóteo como diferente dos outros negros, porém, não igual aos brancos, no que se refere a direitos, a posturas. Pois, apesar de já alforriado, não apresentava características que poderiam diferenciá-lo de escravos, conforme já apontado neste artigo por Scisínio (1997), que afirma ser o escravo um ser que depende de um senhor, que não tem parte nos lucros do seu trabalho.

Timóteo vivia subserviente ao senhor, à Sinhazinha, ao Sinhô-moço, compondo “os anais vivos da família, anotando nos canteiros, um por um, todos os fatos dalgumas significações. Depois, exagerando, fez do jardim um canhenho de notas, o verdadeiro diário da fazenda.” Apesar de tanta devoção, tolerado, conforme o excerto a seguir: “Ninguém, a não ser Timóteo, colhia flores naquele jardim. Sinhazinha o *tolerava* desde o dia em que ele explicou (...).”

O fato de ele ser tolerado elucida o modo como ele era visto e representado pelos outros: *jardineiro, preto, bom, tolerado, comprado por dois contos de réis, feliz*. À medida que o tempo passa, Timóteo passa a ser o *diabo do negro velho, cada vez caducando mais!* (LOBATO, 1920).

A fazenda é vendida. Como objeto, Timóteo nela fica. Dele, apenas se despedem “_ Adeus, Timóteo! disseram alegremente os senhores-moços, acomodando-se no veículo.” Ao que ele, com sua subserviência, apenas responde: “_ Adeus! Adeus!...”

Apesar da subserviência, manifesta sua indignação, ao dizer “_ Branco não tem coração...”.

Timóteo deixa de ser chamado pelo seu nome, sendo chamado de macaco e de tição:

“_ E para não perder tempo, enquanto o Ambrogi não chega ponho aquele *macaco* e me arrasar isto _ disse o homem apontando para Timóteo.

_ Ó *tição*, vem cá!” (LOBATO, 1920)

Nesse excerto, o jardineiro é destituído de seu nome, sendo chamado por vocábulos que demonstram o preconceito da época e, ainda, as relações de poder desigual entre senhores e escravos.

A partir desse episódio, Timóteo demonstra ter passado por transformações.

“_ Eu? Eu, arrasar o jardim?

O fazendeiro encarou-o, espantado da sua audácia, sem nada compreender daquela resistência.

_Eu? Pois me acha com cara de criminoso?

E, não podendo mais conter-se, explodiu num assomo estupendo de cólera – o primeiro e único de sua vida”

Por meio da naturalização, aos negros, alforriados ou não, não era permitido contestar. Aos não alforriados cabia a chibata. Aos alforriados, como no caso de Timóteo, cabia, ainda, a dependência de seus antigos senhores. Isso era reflexo da sociedade da

época que, mesmo tendo alforriado alguns negros, não os absorvia no mercado formal, ficando eles à margem da sociedade.

Apesar dessa realidade, Timóteo toma uma decisão, a de ir para a porteira da fazenda: “_ Eu vou mas é embora daqui, morrer lá na porteira como um cachorro fiel.”

Timóteo representa a si como um *cachorro fiel*. (LOBATO, 1920)

No conto, a **estrutura textual** também é esclarecedora. Por ela, comprova-se que praticamente não há tomada de turno por parte de Timóteo. Ele quase não tem vez e voz, o que indica a relação de poder estabelecida entre ele e os outros moradores da fazenda. Ele conversava muito com as plantas, não com as pessoas.

Quando toma o turno, tomando também consciência de seu não lugar na fazenda com novos donos, ele o faz afirmando que vai morrer na porteira, certamente o lugar mais distante que, depois de escravizado, chegou. Postura essa que corrobora com a representação do negro nos idos dos anos 1920, no Brasil.

CONSIDERAÇÕES

A proposta de Fairclough (2001) permitiu-nos mostrar aos discentes em formação que, por sua vez, trabalharam o conto de Lobato (1920) com alunos do ensino básico, que o trabalho de leitura e de interpretação de texto não deve se ater apenas a aspectos formais. Esses aspectos são importantes, sim, mas podem contribuir sobremaneira para a emancipação, quando contribuem para o melhor entendimento das representações feitas nos textos e das consequências dessas representações. Para tanto, entender as dimensões propostas por Fairclough (2001) e saber operacionalizá-las no ensino é produtor. Dizemos operacionalizar, pois, com os alunos do ensino básico, não empregamos nomenclaturas ou falamos na teoria da ADC, mas, no cerne do trabalho, toda a teoria estava lá.

Aos alunos do ensino básico, foram feitos vários questionamentos com base na história e nas representações do conto, o que demandou estudo da história oficial e da não oficial, além de discussões sobre as representações presentes em outros gêneros antigos, como jornais da Imprensa Negra, e atuais, como notícias veiculadas em jornais online.

REFERÊNCIAS

DOMINGUES, Petrônio. **A nova abolição**. São Paulo: Selo Negro, 2008.

FAIRCLOUGH, N. **Critical language awareness**. Londres: Longman, 1992.

_____. **Discurso e mudança social**. Brasília: Edunb, 2001.

FERNANDES, Florestan. **O negro no mundo dos brancos**. São Paulo: Global, 2007.

HALLIDAY, M. A. K. **An introduction to functional Grammar**. Londres: Arnold, 2004.

LOBATO, M. **O jardineiro Timóteo**. Disponível em <http://www.portalsaofrancisco.com.br/alfa/monteiro-lobato/o-jardineiro-timoteo.php>. Acesso em: 22 jan 2016.

MAGALHÃES, C. Interdiscursividade e conflito entre discursos sobre raça em reportagens brasileiras. In: COUTHARD, C. R. C.; FIGUEIREDO, D. C. (org.). **Linguagem em discurso**. Análise crítica do discurso. v 4, número especial, 2004.

MATTOSO, K. de Q. **Ser escravo no Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 2003.

OLIVEIRA, L. A.; CARVALHO, M. A. B. Fairclough. In: OLIVEIRA, L. A. (org.). **Estudos do discurso: perspectivas teóricas**. São Paulo: Parábola, 2013.

RESENDE, V. De M.; RAMALHO, V. **Análise de discurso crítica**. São Paulo: Contexto, 2006.

SCISÍNIO, A. E. **Dicionário da escravidão**. Rio de Janeiro: Léo Christiano editorial, 1997.

THOMPSON, J. B. **Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa**. Petrópolis: Vozes, 1995.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Adaptações literárias 126, 131

Adolescência 105, 106, 107, 108, 109

Análise do discurso 1, 3, 5, 14, 54, 55, 67, 68, 70, 71, 85, 96

Autoestima 105, 106, 107, 108, 109, 232

B

Bourdieu 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 168, 172, 173, 175, 177, 179

C

Ciências da religião 139, 140, 141, 145, 146, 147, 148

D

Descentramento 41, 42, 43, 46, 47, 48

E

Ensino Religioso 139, 140, 144, 146

Epistemologia 16, 17, 18, 20, 26, 40

F

Fenomenologia 67, 68, 70

Formação do leitor 126, 128, 137

G

Gênero feminino 111

Guia didático 1, 2, 3, 5, 7, 9

H

História em quadrinhos 126, 128, 131

Humanidades 16, 17, 20, 145, 146

I

Identidade cultural 41, 49, 50, 53, 54, 74

Indígena 1, 2, 3, 5, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 14, 68, 114, 208

Indivíduo cartesiano 41, 47, 54

L

Língua de sinais 59, 63, 65, 66, 67, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 81

Literário-político 56

Literatura 60, 63, 64, 65, 111, 112, 113, 117, 124, 130, 137, 138, 151, 179, 211, 219

M

Metodologia 16, 17, 19, 20, 21, 26, 27, 39, 62, 67, 69, 84, 85, 91, 95, 96, 99, 106, 141, 159, 161, 166, 191

Morte 42, 43, 71, 74, 106, 120, 134, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 146, 147, 148

P

Pesquisa 1, 2, 3, 6, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 25, 26, 27, 39, 40, 54, 59, 65, 67, 68, 69, 70, 75, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 96, 97, 100, 101, 102, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 112, 115, 126, 128, 139, 141, 148, 152, 167, 181, 182, 186, 188, 190, 223, 235, 236

Pessoas surdas 56, 67, 68, 70, 71, 72, 73, 74, 76

Poesia oral 56, 59, 60, 62, 64, 66

Prosa regionalista 110, 111, 112, 113, 116

Psicossociologia 84, 102

R

Reflexividade 28, 29, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40

S

Sentido común 28, 29, 30, 32, 33, 34, 35, 36, 37

Slam surdo 59, 60, 62, 64

Sociología 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 179, 208, 210

Subjetividade 1, 6, 7, 11, 16, 19, 20, 25, 45, 46, 47, 48, 153, 156

Suicídio 105, 106, 107, 109

V

Vivência 13, 67, 68, 70, 75, 76, 78, 80, 130, 224

Contribuições das

CIÊNCIAS HUMANAS

para a sociedade 2



 www.atenaeditora.com.br
 contato@atenaeditora.com.br
 [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
 www.facebook.com/atenaeditora.com.br





Atena
Editora
Ano 2022

Contribuições das

CIÊNCIAS HUMANAS

para a sociedade 2



 www.atenaeditora.com.br
 contato@atenaeditora.com.br
 [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
 www.facebook.com/atenaeditora.com.br

Atena
Editora
Ano 2022